

A TRAJETÓRIA DAS PAIXÕES: Aristóteles, a Retórica das Paixões e suas implicações no contexto discursivo/argumentativo¹

Maria Flávia Figueiredo
Universidade de Franca

Resumo: No livro II da Retórica, Aristóteles aponta que as paixões levam os homens a mudar suas opiniões e seus julgamentos. O presente estudo examinou esse tema em uma perspectiva contemporânea para propor um esquema – aqui tratado como A trajetória das paixões – que discute como as paixões assumem o controle da psique humana levando os homens à ação. A releitura das emoções (paixões) no corpus aristotélico fundamentou a primeira etapa metodológica deste estudo. Depois, com base em estudos modernos sobre o assunto, a maneira como os homens são afetados pelas paixões foi ponderada. Finalmente, propôs-se um esquema que aponta como as emoções da alma humana funcionam em um contexto discursivo / argumentativo. Tal percurso metodológico levou à criação da Trajetória das Paixões, um esquema de cinco etapas composto por: I) Disponibilidade; II) Identificação; III) alteração psicofísica; IV) Mudança de julgamento e V) ação. Espera-se que a proposição dessa trajetória sirva como um estímulo para os pesquisadores de retórica e também constitua um caminho mais curto face à compreensão complexa e inacabada do universo emocional e de suas conseqüências.

Palavras-chave: Retórica. Paixões. Psique. Pathos. A trajetória das paixões.

Os discursos retóricos buscam, por primazia, despertar no auditório a adesão às teses defendidas pelo orador. Assim, no jogo argumentativo, toda e qualquer estratégia capaz de potencializar o alcance persuasivo do argumento defendido conta positivamente para o orador e, por essa razão, desperta o interesse da retórica, que, por sua vez, se ocupa de averiguar o que gera, em cada caso, o convencimento e a persuasão².

Nesse processo persuasivo, uma das estratégias mais eficazes é o despertar de paixões no auditório. Segundo Aristóteles, esse recurso funciona de maneira muito efetiva, uma vez que as emoções humanas (paixões), quando despertadas, causam necessariamente alteração em quem as sentem e introduzem mudanças em seus juízos, o que altera e direciona seus julgamentos.

Esse tema, de extrema relevância para o entendimento do ser humano e de grande implicação para o processo persuasivo, foi proposto pelo filósofo de Estagira no livro II de sua Retórica³. Neste

1 Uma primeira versão deste texto foi publicada em forma de capítulo (FIGUEIREDO, 2018) no livro O texto: corpo, voz e linguagem.

2 Agradeço ao meu orientando Valmir Ferreira dos Santos Júnior pelas sugestões dadas à redação deste artigo.

3 Sobre a composição final dessa obra, dividida em três livros, Quintín Racionero (tradutor de Aristóteles diretamente do grego para o espanhol) explica que se deu a partir de 355 a.C., durante a segunda estada de Aristóteles em Atenas.

trabalho, optamos por trazê-lo novamente à baila e lançar sobre ele outros olhares com base em estudos retóricos desenvolvidos na atualidade e com o auxílio de perspectivas contemporâneas sobre a temática.

Nosso percurso investigativo tem por objetivo refletir sobre como as paixões aristotélicas alcançam e impactam a alma humana e, conseqüentemente, conduzem o Homem à ação. Para que possamos discorrer sobre tais processos, adentraremos, primeiramente, a fonte de suas reflexões em âmbito retórico: a Retórica das paixões.

Esse título foi dado ao livro II da Retórica aristotélica, que, aqui no Brasil, recebeu uma edição bilíngue (português – grego) e foi prefaciada, com notável profundidade filosófica, por Michel Meyer. No prefácio, o pensador belga perscruta a obra do estagirita de forma distinta, trazendo reflexões sobre a gênese das emoções desde os diálogos platônicos até a descrição de Aristóteles, passando também pelas modulações que a matéria discursiva pode sofrer em função dos diversos fins retóricos.

Em um dos trechos de seu texto, Meyer (2000, p. XL) assim se pronuncia: “lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é momento retórico por excelência”. Nessa barganha da identidade em detrimento da diferença, o campo emotivo ganha lugar para angariar o convencimento e a persuasão do outro. Isto é, as paixões, em um processo argumentativo, são pontes que permitem a conexão e a proximidade dos homens por meio da identificação de traços deflagrados em comum.

Ciente do papel que exercem no discurso, Aristóteles descreve, com perspicácia contundente, as paixões que acometem a alma humana e a fazem subjugar. Assim, o mestre abre o livro II com a seguinte reflexão: “visto que a retórica tem como fim um julgamento [...] é necessário não só atentar para o discurso, a fim de que ele seja demonstrativo e digno de fé, mas também pôr-se a si próprio e ao juiz em certas disposições” (ARISTÓTELES, 2000, p. 3). Esse trecho já nos permite antever a função primordial das paixões, qual seja: a de encontrar ou suscitar no auditório as paixões disponíveis. A esse respeito, discorreremos com mais vagar nos parágrafos que se seguem.

Seguindo essa linha de raciocínio, o sistematizador da retórica se dispõe a mostrar “que as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer” (MEYER, 2000, p. XLI). Portanto, com vista a uma argumentação efetiva, que alcance a persuasão, o orador precisa ser capaz de acessar o campo emocional de seu auditório por meio do uso adequado de processos discursivos que possam aflorar as afecções de quem testemunha seu ato argumentativo.

Para o mestre estagirita, as paixões humanas ou emoções “são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer” (ARISTÓTELES, 2015, p. 116). Ao observar essa reflexão, compreendemos que elas

O primeiro livro se ocupa da estrutura da arte retórica, da definição dos argumentos e, também, dos gêneros retóricos: judicial (que visa acusar ou defender); deliberativo (que objetiva discorrer sobre a utilidade, ou não, de uma problemática em prol de uma decisão); e epidítico (que elogia ou censura). O segundo livro se ocupa das paixões humanas, do caráter dos sujeitos e da estrutura lógica do raciocínio retórico. O terceiro aborda o estilo, as figuras retóricas e a composição do discurso e de suas partes.

funcionam como direcionadores sentimentais que visam introduzir um estado em um sujeito para, depois, tornar sua visão, sobre determinada questão, favorável a quem profere o discurso. A esse respeito também refletimos sobre o que versa Aristóteles (2000, p. 3) no seguinte trecho: “para as pessoas que amam, as coisas não parecem ser as mesmas que para aquelas que odeiam, nem, para os dominados pela cólera, as mesmas que para os tranquilos”. Aqui, temos a confirmação de que as paixões possuem o poder de alterar a ótica de quem observa uma questão, fazendo seu julgamento variar de acordo com a afecção introduzida em sua alma.

A reflexão feita por Aristóteles sobre as paixões humanas foi de tamanha importância que tem sido retomada, para propósitos distintos, por pesquisadores de diversas áreas de interesse, tais como: a neurociência, a psicologia, a psicanálise, a filosofia, a linguística e a sociologia. De fato, os apontamentos do filósofo sobre a temática guiam, direta ou indiretamente, nossas concepções acerca das emoções até os dias atuais. Esse fato justifica as incursões à instância passional de inúmeros campos do saber.

Acreditamos que os apontamentos aristotélicos têm sido profícuos principalmente em função daquilo que nos recorda Meyer (2000, p. XXXIX): “Para Aristóteles, [...] as paixões estão intimamente associadas ao prazer e ao sofrimento – por conseguinte, ao apetite sensível, o qual é flutuante e por isso desestabiliza o homem”. Por meio dessa transição instável que fundamenta o campo sensível humano é que as paixões ganham campo para infligir dor ou prazer em quem as sente. É importante ressaltar, porém, que, na retórica especificamente, as paixões são entendidas como “resposta a outra pessoa, e mais precisamente à representação que ela faz de nós em seu espírito. As paixões refletem, no fundo, as representações que fazemos dos outros, considerando-se o que eles são para nós, realmente ou no domínio de nossa imaginação.” (MEYER, 2000, p. XLI). Sendo assim, nesse campo do saber, as paixões estão relacionadas a situações transitórias, provocadas pelo orador; por essa razão, não são entendidas como virtudes ou vícios permanentes. (cf. FONSECA, 2000, p. XV)

Visto que discorreremos sobre as delimitações que compreendem as paixões humanas, passemos às caracterizações desses estados de que o orador lança mão com o intuito de transformar as disposições em que se encontram os homens. Como explicita Meyer (2000, p. XXXIX) em seu prefácio, cada uma das paixões remonta a um turbilhão, uma confusão que, apesar de desorientadora e altamente modificadora, é transitória, móvel, capaz de ser revertida e subvertida. Além disso, é um reflexo sensível do outro, ou seja, é a ponte que conecta os homens por meio do campo passional. Ademais, e sobretudo, cada paixão despertada por um orador deflagra muito da existência do próprio sujeito que testemunha o ato discursivo. Por meio do aflorar dos sentimentos, o sujeito abre as portas do seu campo sensível, deixando que o outro conheça suas disponibilidades e, por consequência, suas motivações e valores.

Fica clara a importância dessa instância para o campo da retórica, uma vez que, ao saber quais são os valores com os quais o auditório compactua, o orador pode seguir seu caminho argumentativo de forma muito mais segura e precisa. É nesse sentido que, como estratégia retórica, as paixões são

consideradas uma das premissas do entimema (silogismo retórico. (cf. SILVA, 2013, p. 13)

Para nos aprofundarmos ainda mais nesse universo, é preciso visitar a classificação das paixões descritas por Aristóteles na obra mencionada. Vejamos as 14 paixões apresentadas na Retórica. São elas: ira, calma, amizade (amor), inimizade (ódio), temor (medo), confiança, amabilidade (favor), vergonha, desvergonha (impudência), piedade (compaixão), indignação, inveja, emulação e indelicadeza (desprezo).

De acordo com o exposto, passamos a compreender que as paixões compõem um arcabouço no qual se inserem as mais diversas nuances dos estados da alma humana. O orador pode, e deve adentrar e explorar tal arcabouço com o intuito de inflamar a paixão que mais se adéque ao objetivo de seu discurso. Mediante as paixões elencadas, também é possível compreender que, uma vez configurados tais estados transitórios que transformam o julgamento humano, desencadeia-se um processo para seus devidos efeitos. A descrição de tal processo constitui o cerne do presente trabalho.

Antes, porém, de investigar os caminhos que as paixões percorrem no campo afetivo, é necessário descrever cada uma delas. Vejamos uma breve explicação para cada uma dessas afecções:

- **Cólera:** é um impulso de vingança, causado por injustificada negligência em relação ao outro ou aos que são seus queridos. Essa paixão reequilibra a diferença causada pela insolência, pelo despeito e pelo desprezo. Consiste na tentação de causar desgosto ao outro. Tange, portanto, ao pessoal, a questões particulares entre sujeitos.
- **Calma:** é o contrário e talvez o antídoto da cólera. Configura o estado de apaziguamento após um tormento estrondoso e recria a simetria entre os sujeitos.
- **Amor:** é desejar para alguém aquelas coisas que você considera boas (desejando-as para o outro e não para si) e tentar, ao máximo, fazer com que elas ocorram. É, pois, o laço de identidade com o outro.
- **Ódio:** é dissociador. É a ânsia por querer causar mal ao outro. Diferentemente da cólera, o ódio diz respeito à inimizade em relação ao geral, às classes, não ao particular. Odeiam-se aos ladrões, malfeitores e carrascos: às classes, não aos sujeitos. Quem sente cólera quer que o causador de seu tormento sinta, em seu lugar, seu mal, enquanto quem sente ódio deseja que seu alvo desapareça.
- **Temor:** uma dor ou distúrbio decorrente da projeção de um mal iminente que tem caracterização destrutiva e penosa. É acompanhado de uma expectativa. Temem-se, assim, os maus que podem nos arruinar ou arruinar quem nos é querido.
- **Confiança (segurança):** é o oposto do medo. É acompanhada da esperança (antecipação) das coisas que levam à segurança como algo próximo, enquanto as causas do medo parecem inexistentes ou distantes.

- **Vergonha:** valoriza a imagem que o outro cria de nós; é dor ou perturbação em relação ao presente, passado ou futuro, que achamos que tenderá ao nosso descrédito de acordo com a visão de outrem. Caracteriza a inferioridade que sentimos em relação ao outro.
- **Impudência (desvergonha):** também ocorre de acordo com a imagem que criamos de nós, porém, essa concepção não nos traz dor alguma, pelo contrário, cria indiferença que anula qualquer possibilidade do desgosto. Deflagra a posição de superioridade em que nos colocamos em relação ao julgamento do outro.
- **Favor (obsequiosidade):** bondade desinteressada em fazer ou devolver o bem ao outro.
- **Compaixão (piedade):** sentimento de dor, considerado como sendo um mal destrutivo ou doloroso, que recai sobre quem não o merece. É despertada quando pensamos que nós mesmos ou alguém próximo a nós poderia sofrer tal mal, sobretudo, quando essa possibilidade parece real e alardeadora.
- **Indignação:** compreende uma dor ao avistar o destino de alguém que não o mereceu.
- **Inveja:** angústia perturbadora dirigida à boa sorte de um igual. A dor é sentida, não porque se deseja algo, mas porque as outras pessoas o têm. É relacionada ao sentimento de querer tirar, ou destruir, o que é de outrem.
- **Emulação:** relaciona-se ao movimento de imitação ao outro. Sentimento em relação aos bens ou conquistas de outrem, que consideramos desejáveis e que estão ao nosso alcance. É uma dor sentida, não porque as outras pessoas tenham tais bens, mas porque não os temos também, o que nos impele a querer possuí-los.
- **Desprezo:** antítese da emulação. As pessoas que estão em posição de serem imitadas tendem a sentir desprezo por aqueles que estão sujeitos a quaisquer males (defeitos e desvantagens). Assim, o desprezo pressupõe que o outro não merece o que tem pelo fato de ser inferior ao seu destino.

Ao observar as definições das 14 paixões aristotélicas descritas no livro II, compreendemos melhor as mais diversas nuances que alteram o juízo do homem. Ainda nessa perspectiva, a teórica Carmen Trueba Atienza, após estudar as obras *Da alma*, *Retórica* e *Poética* de Aristóteles, elabora uma “teoria aristotélica das emoções”⁴. Reflitamos brevemente sobre as proposições da pesquisadora em sua obra de 2009.

O objetivo do trabalho de Trueba Atienza é reconstruir a parte central das diferentes abordagens sobre as paixões que se encontram, de acordo com a autora, dispersas no *corpus* aristotélico. Ao

4 Em espanhol: *La teoría aristotélica de las emociones*.

analisar e discutir os aspectos interpretativos mais recorrentes na atualidade, a autora investiga as diversas engrenagens passionais (como, por exemplo, os processos fisiológicos e as sensações de prazer e dor). Ademais, reflete sobre os estados e processos cognitivos a fim de propor uma visão cognitivista das paixões aristotélicas.

A primeira proposição apresentada é que, por meio das evidências deixadas no *corpus* aristotélico, “Aristóteles considera as paixões ou emoções afecções psicofísicas, associadas a alterações fisiológicas, e que envolvem sensações de dor ou prazer”⁵ (TRUEBA ATIENZA, 2009, p. 152, tradução nossa). Essas alterações não são instauradas apenas na alma humana, mas também no corpo de quem está à mercê de uma das paixões. O sentido de dor/prazer aqui se estende para um campo que foge do psíquico, adentrando o campo sensorial. Uma vez desencadeados os sentimentos de dor ou prazer, estados e processos cognitivos se manifestam. Isto é, tal sentimento instaura um estado mental em quem o sente, fazendo o sujeito criar significações cognitivas, tais como: sensações ou percepções; impressões sensíveis ou racionais; e crenças ou julgamentos.

A partir da manifestação desses processos, o sujeito, cujo juízo e corpo sofreram alterações passionais, é lançado a posições e determinações em relação ao mundo e à questão relacionada ao desencadeamento das paixões. Isso, por fim, gera os desejos ou impulsos que remetem ao movimento/ação daquele sujeito em relação à problemática que alterou seu campo emocional em um nível psicofísico.

Trueba Atienza (2009), com base no arcabouço aristotélico, afirma que as emoções são afecções psicofísicas complexas que envolvem, segundo o próprio filósofo:

- 1) alterações e processos fisiológicos;
- 2) sentimentos de prazer e/ou dor;
- 3) estados ou processos cognitivos, tais como:
 - a) sensações ou percepções (*aisthēsis*),
 - b) impressões sensíveis e/ou impressões racionais (*fantasia*),
 - c) crenças (*doxai*) ou julgamentos (*hypolepsis*);
- 4) atitudes ou disposições para com o mundo; e
- 5) desejos ou impulsos (*orexis*)⁶.

De acordo com a autora (2009, p. 168, tradução nossa), “a atenção que Aristóteles dedica a cada um desses cinco aspectos das emoções depende em grande parte da relação que eles têm com as questões filosóficas que ele analisa e discute nos diferentes lugares em que lida com emoções ou faz alguma alusão a elas”⁷. Observamos ainda que cada uma dessas cinco instâncias são, de alguma maneira, elementos constitutivos das emoções.

5 “Aristóteles considera las pasiones o emociones afecções psicofísica, asociadas com alteraciones fisiológicas, y que conllevan sensaciones de dolor y/o placer.” (TRUEBA ATIENZA, 2009, p. 152)

6 Reorganizado com base no original em espanhol.

7 “La atención que Aristóteles le dedica a cada uno de estos cinco aspectos de las emociones depende en gran medida de la relación que ellos guardan con las cuestiones filosóficas que él analiza y discute en los diferentes lugares del corpus en los que se ocupa de las emociones o hace alguna alusión a ellas”. (TRUEBA ATIENZA, 2009, p. 168)

Em relação ao terceiro item do esquema, os componentes cognitivos da emoção, podem ser separados uns dos outros, mas (como veremos neste exemplo) há casos que admitiriam combinações, dependendo do grau de complexidade/intensidade da emoção em questão. Assim:

o medo poderia vir acompanhado da percepção de um objeto (o fogo) e da impressão avaliativa de que se trata de um perigo iminente; da crença de que o fogo é de tal magnitude que pode causar grandes danos e do julgamento de que temos que fugir neste momento. [...] o medo do fogo seria acompanhado de palidez e/ou tremor; a sensação de dor; a atitude de alerta e o desejo de ser salvo.⁸ (TRUEBA ATIENZA, 2009, p. 168, tradução nossa).

Por meio desse exemplo, a autora demonstra que o alcance passional de cada um dos componentes da emoção é variável, de acordo com a natureza de cada afecção e, também, de acordo com a disposição das pessoas e as circunstâncias particulares nas quais elas experimentam tais paixões. Isso faz com que lancemos mão de outro autor da atualidade para compreender melhor a instância do *pathos* dentro da Retórica.

Antes, porém, é importante ressaltar que o *pathos*, ao lado do *ethos* e do *logos*, integra o tripé retórico. Enquanto o primeiro se refere ao auditório e ao conjunto de paixões por ele sentidas, o vértice do *ethos* pode ser relacionado ao orador, ou seja, compreende à construção imagética que ele próprio sustenta de si; ademais, tudo o que remonta à imagem que o auditório cria de seu orador. O *logos*, por sua vez, abrange toda a matéria que compõe o discurso proferido, ou seja, as provas, os argumentos, as figuras, os exemplos, a linguagem, o estilo.

De volta ao primeiro vértice, no artigo “O que é *pathos*”, Francisco Martins discorre sobre as várias acepções do termo, desde sua origem, ligada ao ato de filosofar, até os dias atuais. Cada uma dessas definições faz alusão a um determinado campo do saber, o que, apresenta diversas conexões semânticas entre as inúmeras caracterizações apresentadas.

Passando pela concepção contemporânea do termo, bastante simplificadora, Martins (1999, p. 65) enfatiza que a palavra *pathos* (transformada em um radical) direciona, quase que exclusivamente, “a uma concepção de doença na sua forma médica atual”; daí os termos: patológico, patologia, patologista. Porém, o autor nos recorda que essa palavra teve uma origem filosófica e é este o ponto que nos interessa na abordagem aqui proposta. A esse respeito, leiamos o que elucida o pesquisador:

O conceito de *pathos* traz consigo possibilidades e problemas mais amplos que o sentido de doença, não fazendo parte de um só campo de estudos como a palavra “patologia” indica. Investigando-se com mais cuidado percebe-se que se trata de uma dimensão essencial humana. O *pathos* seria compreendido como uma disposição (*Stimmung*) originária do sujeito que está na base do que é próprio do humano. Assim,

8 “el temor podría ir acompañado de la percepción de un objeto (el fuego) y de la impresión evaluativa de que se trata de un peligro inminente, de la creencia de que el fuego es de tal magnitud que puede acarrear un gran daño y del juicio de que hay que huir en este momento. Pero en cualquier caso los componentes cognitivos irían acompañados del resto de los componentes de las emociones. Retomando el ejemplo anterior, el temor por el fuego iría acompañado de la palidez y/o el temblor, la sensación de dolor, la actitud alerta y el deseo de salvarse.” (TRUEBA ATIENZA, 2009, p. 168).

o *pathos* atravessa toda e qualquer dimensão humana, permeando todo o universo do ser. Não seria então uma surpresa redescobrir o *pathos* como estando na base da filosofia que influenciou toda a construção do mundo moderno e, em especial, da ciência: a filosofia grega. Toda e qualquer tentativa de elucidar o *pathos* de maneira mais aprofundada passaria não somente pelas regionalizações do ponto de vista de áreas de conhecimento específicas, mas pela filosofia na sua totalidade. É do horizonte do *logos* que se torna possível um panorama organizador desta questão humana. Evidencia-se a impossibilidade de que o *pathos* possa vir a ser objeto de estudo de uma só disciplina: ele é um conceito inerente ao ser. (MARTINS, 1999, p. 66)

A partir dessa visão mais ampla do termo, nos é conveniente, neste trabalho, retornar à concepção originária do termo e tomá-lo, de acordo com o autor, como “uma disposição originária do sujeito”. E não paramos por aí. Seguindo a linha de raciocínio proposta no artigo, essa “disposição” faz também referência àquilo que não está ocupado, por consequência, que se encontra livre, desimpedido. E é exatamente sobre esta concepção que iremos nos debruçar, uma vez que a julgamos imprescindível para o desdobramento do percurso passional e para a compreensão mais aprofundada da instância do *pathos* dentro da retórica.

Com base nas reflexões apresentadas, propomos, abaixo, uma possível trajetória das paixões tal como acreditamos suceder dentro do processo persuasivo. A contribuição original dessa proposta repousa principalmente sobre os dois primeiros estágios (“disponibilidade” e “identificação”), que servirão, como veremos, de gatilho para os três estágios subsequentes (“alteração psicofísica”, “mudança de julgamento” e “ação”), já presentes em Aristóteles.

Vejamos em que consiste nossa proposta:

Figura 1 – A trajetória das paixões



Fonte: Elaboração própria

Nos parágrafos que se seguem, nos dedicaremos a caracterizar cada um dos estágios supracitados e que compõem a trajetória das paixões conforme nossa leitura da obra aristotélica.

I - Disponibilidade:

Dentro da Retórica, a instância do *pathos* se refere ao auditório e suas paixões. Portanto, para que um discurso seja persuasivo, sugere-se que o orador, ao elaborar sua argumentação, recorra ao terreno emocional de seu ouvinte. Não obstante, esse caminho só se torna viável quando as emoções do auditório se encontram disponíveis para a exploração do orador. Para isso, é necessária uma disponibilidade afetiva por parte do auditório, que permita criar espaço para a paixão preconizada por quem profere o ato argumentativo. Em outras palavras, um auditório só irá sentir determinada paixão (afecção) se estiver aberto, de acordo com sua pré-disposição cognitiva, a sentir aquela emoção.

O estágio da Disponibilidade, portanto, tange a aceitação e a disposição emocional do auditório às emoções propostas em um determinado discurso. Nessa etapa, uma vez que a paixão lançada pelo orador encontra espaço no campo afetivo do auditório, a trajetória das paixões recebe aval para percorrer, de forma imbatível, a máquina humana. Atinge-se, assim, o segundo estágio.

II - Identificação

Nessa etapa, tem lugar um aspecto primordial do processo persuasivo, sem o qual, nenhum dos passos subsequentes se fariam possíveis. Trata-se da Identificação. Por meio dela, acionam-se estados ou processos cognitivos, tais como: a) sensações ou percepções (*aisthēsis*) e b) impressões sensíveis e/ou impressões racionais (*fantasia*). Vemos, nesse estágio, uma coincidência com aquilo que Trueba Atienza (2009) pode verificar no arcabouço aristotélico.

É também por meio da Identificação, que as paixões conseguem exercer sua “função intelectual, epistêmica; operam como imagens mentais: informam-me sobre mim e sobre o outro tal como ele age em mim.” (MEYER, 2000, p. XLII). Dessa maneira, fica evidente que só vou me sensibilizar, se antes conseguir me identificar. Quando isso acontece, passamos ao terceiro estágio da trajetória.

III - Alteração psicofísica

Nessa fase, em decorrência dos processos identitários, como parte integrante do auditório, passo a experimentar alterações e processos fisiológicos, seguidos de sentimentos de prazer e/ou dor. Descrições estas também presentes na obra do estagirita: “As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, **na medida em que elas comportam dor e prazer**”. (ARISTÓTELES, 2015, p. 116, grifos nossos)

Seguindo essa linha de raciocínio, Trueba Atienza (2009, p. 149, tradução e grifos nossos), fundamentada na obra *Da alma*, assim se expressa: “As afecções da alma parecem se dar **com o corpo**: ‘valor, docilidade, medo, compaixão, ousadia, assim como a alegria, o amor, e o ódio. **O**

corpo, desde então, **resulta afetado conjuntamente** em todos esses casos' (DA 403a 16-18)⁹.

Vemos que a paixão não se limita a exercer uma função intelectual ou epistêmica, como ressaltado no estágio anterior. Aqui, ela atinge também o corpo, e o interpela, e o conduz, juntamente com a mente, à uma mudança de julgamento. Assim, atingimos o estágio subsequente.

IV - Mudança de julgamento

Nessa fase, observamos uma alteração nos estados ou processos cognitivos no que tangem as crenças (*doxai*) ou os julgamentos (*hypolepsis*) do auditório. Essa alteração decorre da mudança ocorrida no espírito em função da experiência de dor e/ou de prazer. Como nos recorda Aristóteles (2015, p. 116), “nesse estado, observa-se uma notável diferença nos julgamentos proferidos”¹⁰.

Dessa maneira, assistimos, à conjunção do corpo e da mente impulsionados por uma mesma causa. Nessa sintonia e instigado pela Mudança de julgamento, o auditório se vê convocado à ação. Assim, caminhamos, finalmente, para o ápice da trajetória passional: o estágio da ação.

V - Ação

Por fim, o processo persuasivo atinge seu objetivo último, qual seja: o de conduzir o auditório à ação. Como enfatiza Abreu (2002, p. 25), “Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir”.

Nesse estágio, portanto, assistimos ao espetáculo das atitudes ou disposições do auditório para com o mundo. Assim, na esteira aristotélica sistematizada por Trueba Atienza (2009), o auditório poderá, por fim e inevitavelmente, dar vazão a seus desejos ou impulsos (*orexis*). Esse processo nos faz recordar as palavras do filósofo belga, quando afirma: “A paixão, tornada incontornável, exige a ação. Daí a obrigatória relação ética com a paixão, pois a moral se estriba numa justa deliberação capaz de ensejar a ação”. (MEYER, 2000, p. XXXIV)

Somente assim, consideramos que o processo persuasivo chegou ao seu fim e podemos, então, assistir ao fechamento do ciclo. Nesse estágio, todas as demais fases precedentes exercem seu papel e estabelecem sua importância: “O circuito está fechado: há paixão porque há ação, e essa reciprocidade inscreve-se como interação de diferenças no seio de uma mesma identidade, de uma mesma comunidade.” (MEYER, 2000, p. XXXVII)

Como balanço da trajetória das paixões por nós proposta, gostaríamos de finalizar com um dos trechos mais emblemáticos sobre o assunto e que, ao nosso ver, transita por todo o percurso passional aqui sugerido.

9 “Las afeciones del alma parecen darse con el cuerpo: ‘valor, dulzura, miedo, compasión, osadía, así como la alegría, el amor y el odio. El cuerpo, desde luego, resulta afectado (páschei) conjuntamente en todos estos casos’ (DA 403a 16-18)”

10 Por essa razão, Solomon (1980, p. 35, tradução nossa) defende que “uma emoção é necessariamente um julgamento apressado em resposta a uma situação difícil” (“An emotion is a necessarily hasty judgment in response to a difficult situation”). Nesse sentido, uma emoção já é potencialmente um julgamento.

A paixão é decerto uma confusão, mas é antes de tudo um estado de alma móvel, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido; uma representação sensível do outro, uma reação à imagem que ele cria de nós, uma espécie de consciência social inata, que reflete nossa identidade tal como esta se exprime na relação incessante com outrem. Reequilíbrio que assegura a constância na variação multiforme que o outro assume em sociedade, a paixão é resposta, julgamento, reflexão sobre o que somos porque o outro é, pelo exame do que o outro é para nós. Lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é momento retórico por excelência. (MEYER, 2000, p. XXXIX-XL)

Considerações finais

Mediante a amplitude do arcabouço aristotélico e seu inegável impacto para o avanço intelectual da humanidade, no presente artigo, tivemos o propósito revisitar um de seus mais relevantes legados: sua retórica das paixões. Para isso, buscamos perscrutar a obra do filósofo com o interesse de um investigador de textos antigos, porém com os olhos fixos na atualidade, pois nosso intuito foi, desde o princípio, compreender de que maneira seu entendimento das emoções humanas poderia nos levar a uma concepção mais apurada dos processos argumentativos presentes na contemporaneidade.

Em decorrência dessa imersão na obra aristotélica, pudemos propor o que denominamos “A trajetória das paixões”, por meio da qual ampliamos o percurso persuasivo inicialmente delineado por Aristóteles e acrescentamos a ele mais dois estágios preliminares que, como vimos, propiciam o solo necessário para desabrochar das paixões.

Acreditamos ter cumprido nosso objetivo e esperamos que “A trajetória das paixões” descrita neste artigo sirva de estímulo para os investigadores da área e constitua também um caminho mais curto frente ao complexo e inacabado entendimento do universo passional do ser humano e de suas consequências.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 5. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Prefácio de Michel Meyer. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução do grego Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015. (Coleção Folha. Grandes nomes do pensamento; v. 1)

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A retórica das paixões revisitada. In: MANFRIM, A. P.; LUDOVICE, C. B. A.; FIGUEIREDO, M. F. *O texto: corpo, voz e linguagem*. Franca: Unifran, 2018. (Coleção Mestrado, 13). p. 141-148

HOUAISS. Dicionário eletrônico. Rio de Janeiro: Houaiss/Objetiva, 2009.

MARTINS, Francisco. O que é *pathos*? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 62-80, Oct./Dec. 1999.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. (Prefácio). In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-L1.

SILVA, Christiani Margareth de Menezes. A dimensão cognitiva da paixão em Aristóteles. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 4, p. 13-23, jun. 2013

SOLOMON, Robert C. Emotions and choice. *The Review of Metaphysics*, v. 27, n. 1, p. 20-41, Sep. 1973. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/20126349?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 28 out. 2017.

TRUEBA ATIENZA, Carmen. La teoría aristotélica de las emociones. *Signos filosóficos*, México, v. 11, n. 22, jul./dic. 2009.